



### O Encontro como potência para a realização da ética transdisciplinar

Samuel Lopes Pinheiro<sup>1</sup>

Humberto Calloni<sup>2</sup>

Florent Pasquier<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo, inspirado na realização do Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, trata de ser uma reflexão teórica sobre o conceito de Encontro e como este pode vir a nutrir-se das características da ética transdisciplinar. Para tanto, o texto transita por reflexões no âmbito dos fundamentos da Educação Ambiental e dos aportes do Pensamento Complexo. Em seu desenvolvimento estão explicitados sobre os deslocamentos que a ética sofreu na modernidade e quais são as características que compreendem uma ética transdisciplinar. Ao final, o valor da diversidade é tratado como a grande riqueza que se produz nos encontros e que deve ser mantida a fim de evocar a potência da ética transdisciplinar.

**Palavras-chave:** Encontro. Ética. Transdisciplinaridade. Diversidade.

### The Encounter as a potency for the realization of transdisciplinary ethics

**Abstract:** This article, inspired by the Encounter and Dialogues with Environmental Education, tries to be a theoretical reflection on the concept of Encounter and how it can nourish itself with the characteristics of transdisciplinary ethics. For that, the text goes through reflections within the ambit of Environmental Education and the contributions of Complex Thought. In its development there are explicit about the dislocations that the ethics suffered in the modernity and what are the characteristics that refers to a transdisciplinary ethics. In the end, the value of diversity is treated as the great richness that occurs in encounters and must be maintained in to evoke the potency of transdisciplinary ethics.

**Keywords:** Encounter. Ethics. Transdisciplinarity. Diversity

<sup>1</sup> Doutorando em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Agência Financiadora: CAPES. E-mail: [samuelshankara@gmail.com](mailto:samuelshankara@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFRGS). Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa da Complexidade – GEC/CNPq - E-mail: [hcalloni@mikrus.com.br](mailto:hcalloni@mikrus.com.br)

<sup>3</sup> Doutor em ciências da Educação (Paris VIII). Professor Associado da Universidade de Sorbonne (Paris, França). Vice-presidente do CIRET - Centro Internacional de Pesquisa Transdisciplinar. E-mail: [florente.pasquier@gmail.com](mailto:florente.pasquier@gmail.com)

## El Encuentro como potencia de realización de la ética transdisciplinaria

**Resumen:** El presente artículo, inspirado en la realización del Encuentro y Diálogos con la Educación Ambiental, trata de ser una reflexión teórica sobre el concepto de Encuentro y cómo éste puede venir a nutrirse de las características de la ética transdisciplinaria. Para esto, el texto transita por reflexiones en el marco de los fundamentos de la Educación Ambiental y de los aportes del Pensamiento Complejo. En su desarrollo están explicitados sobre los desplazamientos que la ética sufrió en la modernidad y cuáles son las características que comprenden una ética transdisciplinaria. Al final, el valor de la diversidad es tratado como la gran riqueza que se produce en los encuentros y que debe mantenerse a fin de evocar la potencia de la ética transdisciplinaria.

**Palabras clave:** Encuentro. Ética. Transdisciplinaridad. Diversidad.

### 1. Introdução

“A vida é encontro”

Martin Buber<sup>4</sup>

O convite é pensarmos sobre como manter o senso de coletividade em tempos atuais em que assistimos a retrocessos gigantescos no cenário global. Referimo-nos aos retrocessos políticos, econômicos, culturais e societários que têm impulsionado o processo de mundialização para características de tolhimento de liberdades e fortalecimento de barbáries, que há não muito tempo poderíamos pensar que jamais retornariam a se manifestar, porém são forças que demonstram estar completamente ativas na sociedade.

A Educação Ambiental, neste sentido, acolhe e reúne pessoas, organismos e ideias que se contrapõem a uma Educação restrita fundada sob a égide do preconceito e do dilaceramento do humano. Diante deste cenário, compreende-se a Educação Ambiental como coletivo que descobre a unidade na diversidade de seus movimentos, lutas e reivindicações. Aqui nesta reflexão, o encontro<sup>5</sup> é a imagem representativa da resistência porque congrega e possibilita o diálogo, o crescimento e a dinamização propulsora para outros momentos de lutas vindouros, que se tornam revigorados pela força dos encontros que porventura tivermos.

---

<sup>4</sup> Martin Buber (1878- 1965) é chamado de o filósofo do encontro por Roberto Crema, e esta epígrafe foi retirada de livro de Roberto Crema, citado nas referências. Em seu célebre livro “Eu e tu”, Buber distingue três dimensões da relação humana, com a natureza, com a humanidade e com a espiritualidade. Era muito lido pelo grande pedagogo do diálogo, Paulo Freire.

<sup>5</sup> Este texto foi produzido por ocasião e inspiração do X EDEA (encontro e diálogo com a Educação Ambiental) a ser realizado em novembro de 2018, encontro que consolida uma década atuante na discussão em Educação Ambiental. Assim quando a palavra encontro aparece ao longo do texto, podemos ter em mente o próprio encontro chamado EDEA, bem como podemos estender seu alcance para outros encontros, buscando os significados e potencialidades transdisciplinares que os encontros suscitam.

Embora possamos diagnosticar diferentes matrizes filosóficas nos pensares e agires dos educadores ambientais é no encontro dessas diferentes perspectivas que se faz o *diálogo*, conceito este que é tão caro e referenciado nos fundamentos da Educação Ambiental. Assim, argumentamos que o encontro em si é já uma vitória sobre as barbáries (internas e externas); que o encontro é um ato transdisciplinar e que potencializa o senso de coletivo nos indivíduos na sinergia da dialogicidade, porque é promotor de um senso ético como anuncia a ética transdisciplinar na mira da realização do pensamento complexo.

Para este esforço reflexivo, vamos primeiramente nos debruçar sobre o conceito de encontro e sobre os sujeitos que formam o encontro, complexificando as noções do mesmo. Mais adiante, a noção de encontro aparece como o momento de potência para a realização da ética transdisciplinar. Para tanto, vamos elencar os movimentos conceituais que o conceito de ética passou e ainda passa na modernidade, para assim chegarmos a compreensão do que vem a compor os entendimentos sobre o que é uma ética transdisciplinar, sobretudo através do pensamento complexo em Edgar Morin. Por fim, sem ser um fechamento definitivo, o texto rumará para a reflexão da contraparte do desencontro como complementar ao entendimento do encontro, bem como enaltece a ética da diversidade como a grande riqueza a ser mantida pela coletividade.

## **2. O encontro como encontro de sujeitos complexos**

“É preciso absolutamente manter o direito de cada um a ser reconhecido como sujeito.”

Alain Touraine

O campo da Educação Ambiental é um campo muito diverso, multidisciplinar, interdisciplinar e que eticamente bebe de inúmeras vertentes para compor suas próprias compreensões para o enfrentamento de problemas que, na sua maioria, são complexos e tecidos por variáveis que se entrecruzam e das quais, por vezes, não temos controle. Enfrentamos com isso um limite da previsibilidade dos fatos, porque “não podemos imaginar a totalidade das inter-retro-ações que acontecem num meio complexo” (MORIN, 2011, p.42).

Se tomarmos a Educação Ambiental como um campo multidisciplinar e não quisermos sufocar a riqueza desta pluralidade de saberes, devemos considerar que a ética também se expressa por um tecido complexo neste campo e que, obviamente, passa por

disputas, alianças e transformações. Assim, dizermos que uma única vertente de Educação Ambiental seja a correta ou que uma determinada moral seja a correta, seria o mesmo que reduzir e contrariar a própria lógica transdisciplinar que aqui é anunciada. A lógica transdisciplinar<sup>6</sup> parte do chamado *hidden third* (traduzido como terceiro incluído em português). Antes, na lógica identitária clássica, tínhamos o par A e não-A, porém a partir dos estudos da física quântica no início do século XX, compreendemos a possibilidade da existência do princípio da não-contradição, que não era admitido na lógica clássica. Da presença das duas possibilidades simultaneamente, surge o “terceiro incluído”. A transdisciplinaridade, neste caso, é a tentativa de superação da polarização dual *para ir além*. Na lógica do terceiro incluído, os opostos “A” – “não-A”, antes contraditórios, apresentam-se agora complementares e promovem uma unidade que inclui o encontro com um “terceiro elemento” que vai além da soma dos dois termos. No mesmo sentido, a complexidade proposta a partir de autores como Edgar Morin surge como uma extensão ou uma teoria viva que auxilia o emergir do pensamento transdisciplinar na prática.

Se consultarmos a etimologia da palavra Encontro, teremos a seguinte constatação:

A palavra encontro provém do latim, o que implica virtude do paradoxo: com e contra, convergência e divergência. Trata-se do Norte da integração e harmonia dos opostos, *coincidentia oppositorum*, um conceito formulado por Nicolau de Cusa<sup>7</sup> que cunhou também a expressão, essencialmente socrática, da douta ignorância (CREMA, 2017, p.27).

O autor Roberto Crema (2017), vinculado aos estudos transdisciplinares e iniciado neste caminho muito em função da proximidade com Pierre Weil<sup>8</sup> (1924-2008), propõe uma visão de encontro ampliada e sustenta que o encontro é o pressuposto básico e a origem para o cuidado. Esta sua visão sustenta-se no axioma de que todo cuidado emana do encontro. Se transpusermos esta visão para a Educação Ambiental, poderíamos entender o encontro como o cuidado do coletivo, porque os encontros são oportunidades de manutenção das relações entre os sujeitos pesquisadores, bem como da atualização das discussões e dos paradigmas e o fortalecimento de lutas e reivindicações políticas,

---

<sup>6</sup> De acordo com Florent Pasquier (2016), em livro sob supervisão de Basarab Nicolescu: a metodologia transdisciplinar é baseada em três axiomas fundamentais: o axioma ontológico que compreende os níveis de realidade; o axioma lógico do terceiro incluído; e o axioma epistemológico em que a complexidade apareceria com maior vigor.

<sup>7</sup> Nicolau de Cusa (1401- 1464) foi um teólogo e filósofo humanista, personagem-chave na transição do pensamento medieval para o Renascimento. Uma de suas obras principais é o *Da Douta Ignorância*, de 1440.

<sup>8</sup> Pierre Weil foi um educador e psicólogo francês que residiu no Brasil por muitos anos. De acordo com Florent Pasquier (2016), Pierre Weil juntamente com outros nomes como Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Jean-Yves Leloup, Pierre Weil, René Barbier ou Marc-Alain Descamps foram fundamentais para o desenvolvimento do conceito de transdisciplinaridade desde os anos de 1980.

propiciando também o pensar acerca de “si mesmo” e refletindo as contradições no âmago dos sujeitos que se arriscam ao enfrentamento de suas próprias “barbáries interiores”.

Em síntese, o Encontro Transdisciplinar é transdimensional, um enlace complexo de níveis de realidade<sup>9</sup>, transdialogicidade com entes de naturezas distintas, dinâmica que transcorre numa tapeçaria de ontologias, de cosmologias e de fenomenologias diversas e complementares, com abertura ao Numinoso transracional, território paradoxal da conciliação de opostos. (CREMA, 2017, p.71)

Crema utiliza a palavra Numinoso para se referir a um aspecto transcendente do sagrado. Ou seja, a abertura àquilo que transcende a racionalidade, uma vez que somos constituídos, enquanto seres complexos, daquilo que compreendemos não apenas racionalmente, mas, igualmente, de uma gama de fenômenos, como os de sincronicidades e hierofanias<sup>10</sup> que tecem os significados e sentidos que sujeitos vão atribuindo aos diversos acontecimentos de sua existência. Assim, os encontros também são aberturas para os diferentes níveis de realidade dos sujeitos, e uma defesa e proclamação de um único nível de realidade, eliminaria a compreensão de sagrado<sup>11</sup>. E isto porque quem faz o encontro são os sujeitos. É o horizonte de um sujeito que se encontra no horizonte do outro, ampliando o espectro de onde a visão alcança ou, ainda, na possibilidade de vermos coisas diferentes daquilo que víamos e considerar o ponto de vista do outro. Com isso temos de considerar as características dos sujeitos que compõem os encontros, os sujeitos enquanto entes complexos. É o autor Edgar Morin quem nos adverte que falta-nos, ainda, complexificar a concepção de sujeito na contemporaneidade, ou seja:

... o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. Creio que o reconhecimento do sujeito necessita uma reorganização conceitual que acabe com o princípio determinista clássico tal como é ainda usado nas ciências humanas e, sobretudo, sociológicas. É evidente que no quadro de uma psicologia behaviorista<sup>12</sup>, é impossível conceber um sujeito. Logo, é preciso uma reconstrução, são necessárias

---

<sup>9</sup> Níveis de realidade é um conceito que aparece muito na Transdisciplinaridade proposta pelo romeno Basarab Nicolescu (1999, p.61): “os diferentes níveis de realidade são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de percepção, que se acham em correspondência biunívoca com os níveis de realidade”.

<sup>10</sup> Por sincronicidade podemos entender aquilo que Carl Gustav Jung (1875-1961) tratou em seus estudos de psicologia ao chamar coincidência com certos padrões de repetição que representavam significado para a pessoa que por este fenômeno passava, ou seja, tratava-se de coincidência significativas. Por hierofania, podemos entender como aquilo que se revela, ou o sagrado que se revela e do qual a pessoa que tem uma hierofania atribui seu próprio significado aquele acontecimento em particular. O autor Mircea Eliade (1907- 1986) tratou desta palavra em seus estudos sobre culturas e mitologias.

<sup>11</sup> Na Transdisciplinaridade proposta por Basarab Nicolescu, a noção de sagrado aparece como a zona de não-resistência entre níveis de realidade e níveis de percepção.

<sup>12</sup> A psicologia behaviorista é um ramo da psicologia que fundamentalmente estuda o comportamento, também chamada de comportamentalista. O behaviorismo compreende o comportamento como uma forma funcional e racional de organismos vivos. Esta corrente da psicologia não aceita qualquer relação com o transcendental, com a introspecção e aspectos filosóficos, no entanto pretende estudar comportamentos objetivos que podem ser observados.

as noções de autonomia/dependência, a noção de individualidade a noção de autoprodução, a concepção do anel recursivo onde se é simultaneamente o produto e o produtor. É necessário, também, associar noções antagonistas como princípio de inclusão e o princípio de exclusão. É preciso conceber o sujeito como aquilo que dá unidade e invariabilidade a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. E por isso, se se está sob o domínio do paradigma cognitivo prevalecente do mundo científico, o sujeito é invisível e nega-se a sua existência. Ao contrário, no mundo filosófico, o sujeito torna-se transcendental, escapa à experiência, revela do espírito puro, e não se pode conceber o sujeito nas suas dependências, nas suas fraquezas, nas suas incertezas (MORIN, 1999, p.135).

A partir deste único parágrafo de Edgar Morin (1999) em “A cabeça bem feita”, teríamos muitos conceitos a serem esmiuçados e devidamente esclarecidos para o bom entendimento do leitor, a começar pela ideia de autonomia a que se refere Morin. O filósofo utiliza a palavra autonomia não para significar uma liberdade absoluta livre de qualquer dependência, mas, ao contrário, justamente para indicar que toda autonomia está associada a um ou vários estados de dependência. Por exemplo: a dependência dos aspectos ambientais, como o biológico, o social e o cultural. Isto porque o entendimento do pensamento complexo parte de uma base biológica. Assim, para Morin (1999, p. 126) “a autonomia é possível, não em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos.”

Assim, no encontro dos sujeitos complexos, temos de ter em mente o par *autonomia e dependência* que atravessa o próprio encontro e os indivíduos-sujeitos. Os elementos das diferentes culturas e das sociedades a que estes sujeitos interagem, e que alimentam a constituição destes sujeitos assim como estes o fazem de volta para a sociedade.

A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual [...] Dentro de cada sociedade, cada indivíduo é, ao mesmo tempo, um sujeito egocêntrico e um momento/elemento de um todo sociológico (MORIN, 2012, p. 166).

Outra questão que poderíamos lembrar, ainda da citação anterior de Morin, é a da recursividade. Esta é uma noção que nos ajuda a compreender os processos de auto-organização e autoprodução. Este é um conceito que pode ser compreendido como um circuito onde os efeitos retroagem sobre as causas e onde os produtos são também produtores daquilo que os produz, ultrapassando a concepção linear de causa e efeito.

Esta não linearidade do sujeito presente do pensamento complexo de Edgar Morin, ou um fechamento exclusivista do conceito em si mesmo, também é encontrada em outros

pensadores como o sociólogo Alain Touraine. Este autor elucida ao leitor ao dizer que, em sua compreensão da noção de sujeito, de forma alguma aparece em separado das palavras *democracia* ou *movimento social*. Poderíamos compreender, com isto, que o indivíduo-sujeito é constituído pelos grupos aos quais pertence e pelas lutas, defesas e denúncias das quais também participa.

Neste sentido, a partir da compreensão de Touraine e das leituras de Morin, podemos apreender o anel de recursividade que se estabelece entre indivíduo e sociedade. Pois cada indivíduo é ao mesmo tempo um sujeito egocêntrico, ou seja, tem o seu “Eu” como centralidade perceptiva de “mundo” e um elemento de um todo sociológico complexo, ou seja, um “Nós”, a sociedade/cultura, na qual se insere historicamente. Diante disto, o encontro é sinal de alta complexificação da sociedade, porque intensifica a comunicação entre os grupos e indivíduos, uma característica que Edgar Morin salienta em seu método a partir do anel recursivo.

A Educação Ambiental, enquanto área do conhecimento formada por indivíduos-sujeitos e por grupos complexos, quando se propõe a um encontro, se depara com sujeitos que são porta vozes de inúmeros outros sujeitos, reivindicações e lutas. Podemos dizer que uma verdadeira efervescência sociológica acontece e põe em diálogo as mais diversas perspectivas para tecer complexamente a rede informativa desses mesmos sujeitos que retroalimentam seus grupos, seus coletivos e suas conexões originárias.

### 3. Por uma ética transdisciplinar em Educação Ambiental

“Nenhuma ética do mundo pode nos dizer (...) em que momento e em que medida um fim moralmente bom justifica os meios e as consequências moralmente perigosas.”  
Max Weber

Após mergulharmos na compreensão dos sujeitos complexos que fazem os encontros, notamos a tamanha diversidade e as múltiplas vozes que compõe a dialogicidade que representa o encontro. Encontro este que, como vimos, é cultural e sociológico simultaneamente. Assim, diante da multiplicidade dos seres que se propõem ao encontro, nos perguntamos: *como seguir o senso de coletividade, sem sufocar a mesma riqueza da diversidade e dos sentidos que cada sujeito é porta-voz ou defensor?* Esta pergunta poderia vir acompanhada de outra: *como não esmorecer diante dos retrocessos impostos pelas barbáries que insistem em diminuir a riqueza das diversidades?*

Para estas perguntas, o caminho da reflexão ética pode nos apontar possibilidades a serem analisadas. Porém, como a epígrafe de Max Weber introduz, não podemos cair na ilusão de que existiria uma única ética salvacionista que irá nos abrigar dos erros e das escolhas perigosas. Neste sentido, temos que dar o salto para a discussão da ética, pensando-a também de forma complexa ou transdisciplinar. Assim o sujeito que faz o encontro é complexo, assim como a ética que transpassa os sujeitos também é complexa. Porque como Edgar Morin nos lembra (2011, p. 21) “todo o olhar sobre a ética deve levar em consideração que a sua exigência é vivida subjetivamente”. Então, como compreendemos que a subjetividade é complexa, temos que complexificar também a discussão ética que de uma ou outra forma acaba por estar presente na imagem representativa do Encontro, que é encontro de sujeitos.

Ainda sobre a epígrafe, podemos ressaltar a intrincada complexidade a que Max Weber nos coloca nesta questão. De acordo com Luc Ferry (2018), Max Weber trazia em seu conceito de “antinomias da ação histórica”, as contradições forçosamente inerentes a ação política, fazendo diferenciações entre a ética da responsabilidade e ética de convicção.

São éticas de orientações teleológicas e deontológicas que quando restritas aos seus lugares teóricos de atuação não conseguem dar conta das discussões morais complexas, bem como das demandas das sociedades e dos encontros que também são complexos. Por isso, nos aproximamos aqui da transdisciplinaridade para pensar as questões éticas que a coletividade demanda para mantermos as diversidades e pautas das minorias no fluxo dos diálogos e do intercâmbio de saberes coerentes com o sentido de manutenção da vida e manutenção da vivacidade dos grupos e suas compreensões particulares. Isto significa colocar diferentes éticas em diálogo, rumo a uma ética transdisciplinar. Isto, de jeito algum, quer dizer que uma ética transdisciplinar vá dar conta de tudo, até porque na transdisciplinaridade há sempre uma abertura, uma totalidade que nunca se fecha em algo, porque se fechasse nesse algo haveria a tendência aquilo que é de teor fundamentalista ou dogmático, justamente o contrário daquilo que a complexidade e a transdisciplinaridade estão a propor.

A abordagem transdisciplinar não diz respeito à simples transferência do modelo de um ramo do conhecimento a outro, mas ao estudo dos isomorfismos entre os diversos campos do conhecimento. Em outras palavras, a transdisciplinaridade leva em conta as consequências de um fluxo de informação que circula de um ramo do conhecimento a outro, permitindo o surgimento da unidade na diversidade e da diversidade pela unidade. Seu objetivo é descobrir a natureza e as características desse fluxo de informação, e sua tarefa prioritária consiste na elaboração de uma nova linguagem, de uma nova lógica e de novos conceitos que



possam permitir o surgimento de um verdadeiro diálogo entre os especialistas dos diversos ramos do conhecimento, um diálogo que na sequência se abriria amplamente para a vida social e, ao longo prazo, traria sua contribuição para o surgimento de um verdadeiro diálogo planetário (NICOLESCU, 1995, p. 149-150).

Antes de avançarmos nas características do que vem a ser a ética em transdisciplinaridade, cabe-nos pontuar os deslocamentos que a ética vem sofrendo na modernidade. Estas reflexões são prioritariamente retiradas no sexto tomo de O método de Edgar Morin (2011), em que o autor irá preocupar-se mais detalhadamente em expor os princípios éticos de seu pensamento complexo.

#### **4. Sobre os deslocamentos éticos na modernidade**

Para este propósito convém pontuar alguns deslocamentos importantes que a ética passa na modernidade, a saber:

- a laicização retira da ética de sociedade a força do imperativo religioso;
- a ética de Kant realiza a promoção de uma ética universalizada que se pretende superior às éticas sociocêntricas particulares, com isso, liberdade, equidade, solidariedade, verdade e bondade tornam-se valores que merecem por si mesmos a intervenção e ingerência na vida social;
- os tempos modernos estimularam o desenvolvimento de uma política autônoma, de uma economia autônoma, de uma ciência autônoma, de uma arte autônoma, levando a um deslocamento da ética global imposta pela teologia medieval;
- desde Maquiavel a ética e a política estão oficialmente separadas, visto que o governante deve obedecer à lógica da utilidade e da eficácia, não à moral;
- o desenvolvimento da autonomia individual, acarretou a autonomia e privatização da ética;
- há hiperdesenvolvimento do princípio egocêntrico em detrimento do princípio altruísta;
- o sentido de solidariedade e responsabilidade enfraqueceu;

Estes são apenas alguns dos pontos que nos levam ao entendimento de uma crise dos fundamentos éticos, em que encontramos um grande distanciamento entre a ética individual e a ética comunitária, bem como um enfraquecimento dos sentidos de responsabilidade e de solidariedade. Apesar de que a noção de fundamentos possa ser questionada por reduzir a uma base comum, ainda assim os fundamentos podem nos

auxiliar a compreender o que alimenta os sentidos éticos e para isso (re) pensar os próprios fundamentos.

Diante deste cenário da ética, Edgar Morin, através de pensamento complexo propõe que devemos nutrir a ética em suas fontes. Isto significa prestar atenção a vitalidade do circuito indivíduo/ sociedade/espécie. Porque ao final, “o ato moral é um ato de religação: com o outro, com a comunidade e, no limite, religação com a espécie humana (2011, p. 29)”. No pensamento complexo, notamos que há uma indissociabilidade entre os termos indivíduo, sociedade e espécie, em que um termo contém ou se relaciona com elementos do outro.

Contudo, voltamo-nos para a potência da realização ética do encontro. Porque o encontro é um dos tantos pontos de contato entre indivíduo e sociedade - e porque não também da espécie? A imagem do encontro é a do fortalecimento deste circuito entre indivíduo/sociedade/espécie proposto pela complexidade, o que desemboca nos sentidos a que a transdisciplinaridade quer comunicar, a do ir além do pensamento binário.

## 5. Características de uma ética transdisciplinar

“A ética é religação e a religação é ética.”

Edgar Morin

Em situações menos complexas, de certa simplicidade, poderíamos prever com maior certeza determinadas ações e suas consequências. Mas como já foi dito anteriormente, a previsibilidade tem um limite. Edgar Morin (2011, p.41), no esforço de explicar este fenômeno, utiliza a expressão “ecologia da ação”. A ecologia da ação indica-nos que em toda ação escapa, cada vez mais, a vontade do seu autor na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém. Disto temos então que a ética está mergulhada em uma incerteza, dependente não somente da ecologia da ação, das contradições éticas, das ilusões do espírito humano, mas do aspecto trinitário pelo qual a *socioética*, a *autoética* e a *antropoética* são, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagônicas (2011, p.57).

Este sentido de incerteza introduz-se no justo e no bem. Pois podemos nos questionar, onde está a justiça? Onde está a verdadeira ética superior? A lei? O Castigo? Misericórdia? Perdão? Onde está verdadeiramente o bem? Na obediência à moral bíblica? Na virtude aristotélica? No amor? Estas são todas questões que Edgar Morin nos faz em seu sexto tomo de *O método*.

Assim temos de assumir que a incerteza ética conduz a assumir a incerteza do destino humano, e perceber que a moral não complexa obedece a um código binário como bem/mal, justo/injusto. No entanto, a ética complexa aceita que o bem possa conter um mal, o mal, um bem, o justo o injusto, o injusto o justo o que corresponde a tentativa de ir além dos pares binários. Na opinião de Nicolescu (1995, p.150) é justamente na predominância do pensamento binário que está a fonte da barbárie.

No coração do entendimento do que vem a ser uma ética transdisciplinar, temos de que todo o ato moral é um ato de religação: com o outro, com a comunidade, com a sociedade, e no limite, religação com a espécie humana. Com isso, importa regenerar as fontes de responsabilidade e solidariedade, diante da crise ética, que é uma crise da religação indivíduo/sociedade/espécie. A finalidade da ética transdisciplinar é trinitária. É uma ética contra a barbárie interior e contra as forças de separação, de dissolução e de ruptura.

Como no pensamento complexo as instâncias indivíduo/sociedade/espécie estão sempre interligados, não seria diferente na discussão ética, que assume três instâncias que também se conectam e alimentam uma da outra. Autoética, com o foco no aspecto do indivíduo, a socioética, com o foco no aspecto comunitário e social; e a antropoética, com o foco no aspecto antropológico da ligação da espécie.

Todas as três esferas de ética assumem o princípio da incerteza e se preocupam com os paradoxos e contradições advindas da ação na ética. Mas não por isso deixam de ir à realidade e por vezes se confrontar com suas próprias contradições. No entanto, parece que Edgar Morin, das três, se preocupa muito mais com a primeira delas, a autoética, por creditar na autonomia e na responsabilidade do indivíduo, um papel preponderante na balança da religação ética.

Dentro do aspecto da autoética, teríamos muitos desmembramentos como a cultura psíquica que engloba a autoanálise, a autocrítica, a resistência a moralina, a ética da responsabilidade e outros ainda. Dentro da discussão da socioética teríamos os problemas sobre política e ética, bem como sobre o circuito da democracia. E na instância da antropoética, teríamos a característica do assumir da condição humana e os desafios do humanismo.

Destacaria um dos tantos pontos essenciais desta discussão que é a necessidade de assumirmos a condição humana. Isso significa assumir a complexidade da vida, integrando entre outros, o aspecto da loucura e da sabedoria, assim como a dialógica razão e paixão.

A racionalidade é necessária para poder detectar o erro e a ilusão na paixão e dar-lhe a lucidez que a impede de naufragar no delírio; mas isso só pode ser feito por uma razão que reflete e age sobre si mesma. A paixão é necessária para a humanização da razão, o que lhe impede de cair numa abstração delirante. Razão e paixão podem e devem corrigir-se entre elas. Podemos ao mesmo tempo, dar razão as nossas paixões e apaixonar a nossa razão (MORIN, 2012, p.136).

Integrar em si a dialógica de razão e paixão, assim como tantas outras dialógicas de pares contraditórios e complementares, significa correremos alguns riscos. No caso de razão e paixão, isso significaria deixar a razão sempre vigilante, embora a paixão tenha lugar ou momento de expressão no indivíduo, mas não deixar cegar-se pela paixão extrema, que poderia potencialmente tornar-se fanatismo. Para Edgar Morin (2012) este exercício de iluminar racionalmente os princípios da paixão corresponde a uma arte de viver e que faz parte do ser humano que se encontra consigo e que se encontra com o outro em sociedade, através das relações e das utopias compartilhadas de crescermos conjuntamente.

## **6. À guisa de conclusão: encontros e desencontros da ética transdisciplinar**

Percorremos até aqui alguns passos que fizeram parte de nossa reflexão: como a necessidade de pensarmos a potência que pode significar o encontro; sobre os deslocamentos éticos da modernidade dos quais somos herdeiros diretos na contemporaneidade; sobre o que significa uma ética transdisciplinar e do porquê que o encontro pode representar a realização desta ética. Chegamos ao final deste encontro textual, que é encontro de horizontes de sujeitos complexos, em que uma mera definição de que sujeito é este que lê ou escreve sobre o encontro, seria limitá-lo a um único nível de realidade ou percepção.

Contudo, diante da esperança de dias menos melhores (ou de menos barbárie) que os encontros suscitam, devemos novamente complexificar esta reflexão acerca do encontro com a perspectiva também do desencontro. Isto porque a jornada de assumir a condição humana, nos impele a compreender que o caminho que nos leva até o encontro de ideias, de sujeitos e de sociedades, também é o caminho do perder-se, do desencontrar e do desafinar. Com esta mesma tônica, Morin (2011, 136) alerta sobre o “perder-se para encontrar-se e o encontrar-se para perder-se”. Pois não há caminho unidirecional, se assim fosse, fecharíamos as possibilidades da diversidade do mundo e do conhecimento.

... Dessa perspectiva, cabe à educação científico-humanística o desafio de construir coletivamente um ideário de sociedade pautado pelos princípios

da multiplicidade, da diversidade e da troca mais igualitária de experiência entre professores e alunos – ambos pesquisadores da existencialidade em suas múltiplas expressões e escalas. Construir coletivamente quer dizer facilitar a expressão das experiências que são, todas elas, múltiplas e unas, diversas e marcadas pela semelhança. A escola, como um lugar privilegiado de experimentação e reconstrução da cultura pode, e deve facilitar uma aprendizagem mestiça capaz de transformar experiências singulares em configurações mais híbridas, simbólicas e exodpendentes (ALMEIDA, 2008, p.111).

Esta sim, a diversidade, talvez seja a grande resposta final que poderíamos destacar neste momento de conclusão. A autora acima citada, a Professora Conceição Almeida (2008), reitera a necessidade de se reacender a memória do diverso no ensino rumo a um horizonte aberto que a ética da diversidade pode estimular. Assim, desta forma aqui também concluimos, com esperança de continuarmos a trabalhar pela manutenção da riqueza do diverso na pesquisa, na educação, e no caso deste nosso encontro transdisciplinar, a diversidade no encontro de educadores ambientais.

## Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Ecologia da ciência, ética da diversidade e educação transdisciplinar. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.18, p. 105-113, jul/dez.2008. Editora UFPR. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/13429> Acesso em 10/09/2018

CREMA, Roberto. **O poder do encontro: a origem do cuidado**. São Paulo: Instituto Arapoty, 2017.

FERRY, Luc. **7 maneiras de ser feliz: como viver de forma plena**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

MORIN, Edgar. **Repensar a reforma reformar o pensamento: a cabeça bem feita**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NICOLESCU, Basarab. **Ciência, sentido e evolução: a cosmologia de Jacob Boehme**. São Paulo: Attar, 1995.

PASQUIER, Florent. Le Tiers-Caché : pour un nouveau paradigme en sciences humaines et sociales. In: NICOLESCU, Basarab. **Le tiers caché dans les différents domaines de la connaissance** . Paris : Éditions Le Bois d'Orion, 2016.

TOURAINÉ, Alain. **A procura de si: diálogo sobre o sujeito**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

*Submetido em: 23-09-2018.*

*Publicado em: 26-11-2018.*